

Atos de fala, atos falhos: sobre a infelicidade do performativo

Daniel do Nascimento e Silva¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Caixa Postal 6045 - 13084-971 - Campinas - SP - Brasil

danielns@unicamp.br

Abstract. *In this paper I investigate the promises of speech act and gender, respectively, in speech act theory and in the discourse of Brahma Kumaris World Spiritual University. I take the concept of promise as the speech act's epitome. In other words, as something which is both constitutive of subjectivity and which is heir of infelicity. Some empirical cases, taken from Austin and from Brahma Kumaris' discursive practices, are analyzed in the light of such injunction.*

Keywords. *speech act; performativity; gender.*

Resumo. *No presente artigo, lanço um olhar sobre as promessas do ato de fala e do gênero, respectivamente, na teoria dos atos de fala e no discurso da Universidade Espiritual Mundial Brahma Kumaris. O conceito de promessa é visto aqui como a epítome do ato de fala. Dito de outro modo, ele é tido como algo constitutivo da subjetividade e algo que não é imune à infelicidade. A empiria da presente reflexão consiste nos discursos de Austin e da Brahma Kumaris, que são tratados à luz de tal injunção.*

Palavras-chave. *ato de fala; performatividade; gênero.*

1. Introdução

Em minha pesquisa de mestrado, venho trabalhando com a questão da identidade de gênero. Especificamente, investigo como se dá a reivindicação de certos modos de ser homem e ser mulher (e também de não sê-los) e não outros em práticas discursivas da Escola de Meditação Brahma Kumaris (doravante, BK), um misto de religião e ONG, cujo principal objetivo é desenvolver a paz interior através da prática da meditação, da alimentação natural e da não-violência. Em termos da questão teórica que subjaz ao trabalho, parto da perspectiva aberta por Austin (1975 e 1971) em torno do ato de fala, conceito que põe em relevo a identidade entre o dizer e o fazer. Particularmente, tenho feito um esforço de efetuar uma síntese da reflexão de Austin sobre o ato de fala e algumas interpretações desse conceito, particularmente o dizer sobre a performatividade do gênero e do sujeito em Butler (1993 e 2003), a leitura psicanalítica do performativo e da filosofia de Austin em Felman (2003) e a visão performativa da linguagem em Ottoni (1998) e Rajagopalan (2000).

Num esforço *nietzscheano* de desmistificar a ilusão de que os fenômenos lingüísticos podem ser investigados, em sua totalidade, segundo critérios de verdadeiro e falso, Austin afirma, no *How to do things with words*, que existem enunciados que não podem ser analisados a partir de uma semântica vericondicional. Trata-se dos enunciados performativos, como “eu aceito (esta mulher como minha legítima esposa)”, “aposto que choverá amanhã”, que, diferentemente dos enunciados constativos, não descrevem uma situação no mundo real, de modo verdadeiro ou falso; ao contrário, eles são a realização de uma ação, que pode ser feliz ou infeliz, bem ou mal sucedida. Austin

adota, portanto, *condições de felicidade* como critério de análise de tais enunciados. O performativo “eu aceito” será feliz se certas circunstâncias forem apropriadas, na situação concreta e convencional em que os interlocutores se engajam: sobre esse exemplo, Austin lembra que, em um país cristão, para me casar, não posso já estar casado com uma mulher “que ainda vive, que é sã e não-divorciada” (1975:8-9).

A negação no exemplo de Austin, ao mesmo tempo em que faz rir, evidencia que o ato de fala não é imune à infelicidade, à falha, ao tropeço, ao abuso. Nos termos da leitura que Felman (2003) faz da teoria e da escrita austiniana, Austin se comporta como um Don Juan: ele está a todo o momento prometendo ao leitor uma teoria e o prazer mesmo do desdobrar de sua reflexão. Tal como a promessa de amor donjuanesca, que carrega em si, desde o início, uma quebra, uma impossibilidade de sucesso, já que Don Juan sabe que o seu corpo é incapaz de cumprir a promessa, a teoria dos atos de fala pressupõe também o insucesso do performativo. Sua teoria implica, nesse sentido, várias *quebras*. A mais significativa delas talvez seja a quebra da divisão inicialmente proposta entre enunciados constativos e performativos. O constativo não é, nos termos de Austin, senão um performativo mascarado: aquele funciona do mesmo modo que este e está sujeito às mesmas infelicidades (Austin, 1971:19). De acordo com Felman, o fato de Austin substituir, em sua análise, o critério de “verdade” pelo critério da “satisfação” significa que o autor mobiliza em sua teoria, para além da questão cognitiva, a dimensão do prazer – que já está implícita na questão do *sucesso* e da *falha* do performativo, que Austin denomina de felicidade/infelicidade. Diz Austin:

Truth and falsity are (...) not names for relations, qualities, (...) but for a dimension of assessment – how the words stand *in respect of satisfactoriness* to the facts (...) to which they refer. (Austin, 1975:149)¹

Felman argumenta que a performance do performativo se dá justamente nos termos da perda do chão:

I must explain that we are *floundering* here. To feel the *firm ground* of prejudice *slipping* way is exhilarating, but it brings its revenges. (Austin, 1975:61)

We have discussed the performative utterance and its infelicities. That equips us, we may suppose, with two *shining new tools* to crack the crib of reality maybe. It also equips us – it always does – with two *shining new skids* under our metaphysical feet. (Austin, 1970:241)

Dito de outro modo, “o performativo é suscetível, sobretudo, ao ato de cair, de perder o chão, ao ato mesmo constituído pela falta de equilíbrio inerente à queda ou ao escorregão” (Felman, 2003:44). Nesse sentido, “se a capacidade para a falha é constitutiva do performativo, isso se dá porque o ato como tal é definido, em Austin, como a capacidade de *errar o alvo* e de *falhar em sua realização*” (Felman, 2003:55-56)². Nos termos de Judith Butler, “o discurso [speech] está sempre de algum modo fora do controle” (Butler, 1997:15).

2. A promessa do gênero

Venho tentando, então, articular essa leitura do performativo austiniano com a questão da identidade de gênero. Nos estudos de gênero, diversos trabalhos têm colocado em xeque a idéia de um determinismo natural segundo o qual as categorias de homem e mulher, bem como a sua relação hierárquica, são biologicamente justificadas.

Esses estudos têm derrubado, principalmente através de evidência etnográfica, a premissa do essencialismo biológico ao demonstrar que os gêneros são produzidos e não dados pela natureza. Ou seja, essa perspectiva de estudos, “ao apontar para a relatividade e variabilidade dos conteúdos associados com as categorias “mulher” e “homem” através dos tempos e das culturas, provou que elas são produtos históricos culturais e não fatos da natureza” (Segatto, 1998:7). Têm me interessado particularmente as formulações de Judith Butler sobre a questão do gênero. Butler empreende uma análise que evidencia a natureza performativa dos gêneros: a autora rejeita entender o gênero de acordo com um modelo de identidade substantiva e insiste na idéia de que o gênero é construído por meio de práticas, de atos (de fala) que, repetidamente, ou melhor, iteravelmente (para o outro e de novo), “constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero” (Butler, 2003:200).

Vejam agora alguns aspectos da *construção* da identidade de gênero na BK. Vale enaltecer que é esta uma instituição voltada à reflexão sobre valores espirituais e um dos aspectos ubíquos em suas aulas e seminários é a questão da identidade. De acordo com a sua filosofia, o *eu verdadeiro*, a identidade verdadeira, transcende as contingências do corpo e do tempo/espço, isto é, o eu verdadeiro é a alma e não o corpo (cf. O’Donnel, 1996).

Spirituality is the key to freedom and self-respect. It is also an inherent part of our nature – as are freedom and self-respect. In order to find that inner treasure, one must learn to see oneself as a soul, an eternal spirit, and understand that *the body is a vehicle that the soul uses to play its part, expressing its own unique qualities*. Experiences, character, powers and virtues all lie within the soul, and it is the soul that gives life to the body so that the individual can enact her or his part in the drama of life. *It is the soul rather than the body that must serve as the foundation of our sense of identity.* (www.bkwsu.com/bkun/women/wia4.html - 28/10/03)

*siento que soy más que mi identidad
mi nombre... mi sexo... mi profesión
soy más que todo lo que pensaba
soy más que lo que los otros piensan de mí...
soy un alma...*
(<http://www.bkcolombia.com/rycourse/iry/ry4.htm>)

Essa é uma premissa que norteia então grande parte da reivindicação das identidades de gênero na escola. Em um livro introdutório à meditação, O’Donnel argumenta que, uma vez que a alma “não é masculina nem feminina, (...) o eu verdadeiro não tem gênero” (O’Donnel, 1996:19):

Várias designações utilizadas pelos membros da escola são coerentes com esse aspecto de sua filosofia. Nesse sentido, ao reconhecer o *anjo* que cada um tem dentro de si, ao enfatizar que se trata de *almas* e não corpos que estão reunidos nas meditações, que todos são *seres de paz*, esses sujeitos estão reivindicando a pureza e a “não-identificação” com um certo gênero para as suas narrativas de identidade. A transcendência das limitações corpóreas é entendida nessa filosofia também em termos do celibato. Na obra *Adi Dev*, a biografia do fundador da instituição, o comportamento

não-sexual de líderes de diferentes segmentos religiosos é valorizado, assim como o celibato de muitos de seus membros, inclusive os casais:

Hoje, a Universidade Divina conta com mais de 350.000 membros, incluindo milhares de casais, que são todos brahmacharis, vivendo em celibato. Muitos deles são ocidentais. (Chander, 2003:81)

Entendo que a questão da pureza é fundamental para compreender o jogo da construção das identidades de gênero na BK. E essa pureza se articula com a *promessa*, no caso, a promessa de um gênero. Na *Genealogia da Moral*, Nietzsche concebe a promessa como o problema central da reflexão sobre o humano. O animal prometedor é, segundo Nietzsche, aquele que incongruente perde a capacidade de esquecer na medida em que lhe é dada a memória. Nietzsche traz então a promessa, ou seja, o *ato de fala* para centro na teorização do humano. Se pensamos na iterabilidade do ato de fala, tal como podemos recuperar esse conceito em Butler (1997), a promessa põe em relevo o *iter* e o *itera*, a alteridade e o compromisso, já teorizados pelo próprio Austin em suas noções de *uptake* e de compromisso. Vejamos dois trechos do *Adi Dev* em que a promessa do gênero é efetuada em termos da pureza:

Se as mulheres começassem a observar o celibato, eles se preocupavam, como o mundo iria continuar? *Eles, naturalmente, não sabiam que há um mundo puro, um período de tempo que dura 2.500 anos, quando os seres humanos estão preenchidos com poder divino, que eles podem se reproduzir de forma não-sexual. Este é o período chamado Satyuga e Tretayuga, as Idades do Ouro e da Prata; e as pessoas que viveram neste período são corretamente chamadas de deuses e deusas.* (Chander, 2003:74-75)

Pensamentos elevados, fala doce, visão fraternal, intenções puras: estes eram os elementos de uma personalidade cheia de conhecimento, estes eram os resultados do impacto de Baba sobre a alma. Eles haviam absorvido o espírito da pureza, inspirados pela própria vida de Baba, pelo poder contido em cada ação, gesto ou palavra dele. A velha vida de desejos, de luxúria, de egoísmo parecia obscena a eles agora, parecia venenosa e animalesca. Ao beber o néctar do Conhecimento, suas vidas haviam se tornado novas e brilhantes uma vez mais. Uma alegria única permeava todos eles. E não lhes era difícil decidirem reter aquele vibrante sentimento de elevação e felicidade a todo custo. Viver a vida de um yogue em celibato e silêncio interno, lembrar-se de Deus e preencher a mente com Seus atributos; viver uma vida em família e, ainda assim, como uma flor de lótus, no mundo, mas não do mundo; esta era a determinação dourada de todos. *Nós levaremos uma vida pura, eles prometiam* e permaneciam fora da lama da instabilidade mental e da consciência do corpo. (Chander, 2003:59).

A promessa do gênero é, nesse sentido, empreendida performativamente em torno de um ideal de pureza, que significa a transcendência de certos comportamentos do corpo (e.g. o ato sexual) que impedem o contato com o espiritual. Como informa Chander, “a *luxúria sexual* é condenada no Gita – a escritura suprema – como a porta para o inferno” (Chander, 2003:74).

As categorias ‘celibato’ e ‘corpo’, tal como postuladas nesses excertos, também põem em relevo a inelutável relação entre gênero e sexo. Na medida em que a promessa do gênero também envolve a construção de certos corpos, principalmente corpos não-

sexuados (o anjo, a alma, o ser de paz), fica evidente nessas reivindicações identitárias que o sexo não é simplesmente a superfície biológica, prévia e garantida, onde o gênero estavelmente se assenta. Defende Butler (1993) que o sexo é uma norma cultural que governa a materialização, uma norma que qualifica a própria inteligibilidade cultural dos corpos. Para a autora, “assumir” um sexo vincula-se à questão da *identificação*, que se dá, nos termos de sua argumentação, numa matriz (Butler também chama de “imperativo”) heterossexual que autoriza certas identificações de sexo e não outras. No caso da BK, a matriz de poder heterossexual pode ser incongruentemente entendida como aquela que impõe um não-sexo aos seus participantes. O domínio da abjeção, da falha é justamente a identificação com o corpo e com a luxúria – um domínio que não é autorizado por essa matriz.

Cabe agora verificar os momentos em que a promessa do gênero, ou, em outras palavras, a reivindicação do gênero, enfrenta a tendência à falha ou mesmo fracassa em alcançar o seu objetivo. O caminho rumo à pureza, nos termos das práticas discursivas da BK, é frequentemente submetido à violência e ao desconforto:

Profetas, santos e sábios, (...) aqueles que corporificaram os ideais mais elevados sempre tiveram de sofrer. (...) o visionário raramente é tratado com decência, pois ele ameaça interesses estabelecidos, identidades arraigadas e estruturas de poder. (Chander, 2003:78)

Não coloque nenhuma idéia de sexo diante de nós. Nosso Pai é Puro e Incorpóreo, então estamos nos tornando o mesmo. Por favor reconheça o tempo; a Idade do Ferro está para terminar. Uma Idade do Ouro está sendo criada novamente e você também pode reivindicar seu direito de nascimento e fazer parte dela. Coopere conosco, seja um yogue, vamos fazer nossas vidas puras e lindas como uma flor de lótus. Por favor, eu tenho sede por pureza, eu peço só isso a você: uma vida pura. (...) Quando eles viram que nunca mais teriam liberdade de ação com estas mulheres, alguns tornaram-se totalmente encolerizados. Uma cortina caiu sobre seus intelectos e eles atacaram. Sem misericórdia, eles bateram em suas esposas até que elas sangrassem. (Chander, 2003:73)

O resultado era previsível. A raiva de seus maridos ergueu-se a proporções violentas. Eles gritavam, esbofeteavam suas esposas; batiam nelas com chicotes e as impediam de sair. Eles as mantinham longe de todo contato com Baba e Om Mandali, tentando em vão apagar a influência que o Pai Espiritual tivera sobre elas. (Chander, 2003:71)

Era *embaraçoso* para algumas famílias que sua filha fosse vista vestindo sari branco o tempo todo e evitando os próprios símbolos de status que o pai trabalhara tão arduamente para obter. Ter uma pessoa religiosa em casa *esvaziava* a atmosfera pomposa à qual muitos estavam acostumados. Sua consciência *doeria* ao ver um irmão ou irmã seguindo o mais elevado código de conduta, enquanto eles mesmos estavam enganados em uma vida de decadência. (Chander, 2003:61)

Tais excertos revelam o conflito e a constante falha a que são submetidos os atos de fala que tematizam a promessa do gênero na BK. O trecho abaixo, se vislumbrado contra o pano de fundo da iterabilidade desses atos de fala que ecoam o ideal de pureza, pode ser visto como o conflito mesmo a que o performativo é suscetível:

Meu nome é E., eu sou de Campinas, nós somos de Campinas, na BK eu estou há três anos e ele está há um pouco menos, dois anos, e uma peculiaridade do nosso relacionamento é que nós nos conhecemos lá na escola, foi num curso de culinária com a Ed., ((risos)) então ontem nós falamos a ela que ela foi nossa madrinha, é e... assim... *pra mim é um pouco difícil lidar dessa questão do relacionamento conjugal estando e sendo aluna da BK, é uma coisa minha, é uma coisa que não tá muito clara, compreender um pouquinho melhor isso ((a professora fala que elas podem conversar melhor sobre isso depois, reservadamente))* lá em Campinas eu sou professora, de educação infantil, também terminei o mestrado então eu tô alçando outras asas, outros objetivos no momento, também venho de outro relacionamento, encontrei o Daniel num momento assim muito tranquila, muito estabilizada (Aula Serra Negra, março/2004:194-202)

Como vimos anteriormente na leitura de Felman do performativo austiniano, a capacidade para a falha é constitutiva do performativo. No excerto acima, o que é “um pouco difícil de lidar” pode ser compreendido, nos termos da presente reflexão, como o peso da promessa de uma pureza e de um gênero “incorpóreo” (o ser espiritual, por definição sem gênero) que tem, incongruentemente, de conviver com a sua condição humana, demasiado humana atrelada ao prazer e ao inconsciente, ao ato (ao mesmo tempo) de fala e falho.

3. Notas

¹ As ênfases nas citações são efetuadas por mim, exceto quando indicado o contrário.

4. Referências bibliográficas

- AUSTIN, J. L. (1971) Performative-constative. In Searle, J. (org) *The philosophy of language*. London: Oxford University Press, pp.13-22.
- _____. (1975) *How to do things with words*. 2.ed. Cambridge: Harvard Univ. Press.
- BUTLER, J. (1993) *Bodies that matter*. London: Routledge.
- _____. (1997) *Excitable speech - a politics of the performative*. London: Routledge
- _____. (2003) *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Record.
- CHANDLER, J.(2003) *Adi Dev – o primeiro homem*. São Paulo: Brahma Kumaris.
- FELMAN, S. (2003) *The scandal of the speaking body. Don Juan with Austin or seduction in two languages*. Stanford: Stanford University Press.
- O'DONNELL, K. (1996) *Caminhos*. São Paulo: Editora Gente.
- OTTONI, P. (1998) *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- RAJAGOPALAN, K. (2000) On Searle (on Austin) on language. In *Language and Communication* 20:347-391.
- SEGATTO, R. (1998) Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. In *Estado e Sociedade*, no prelo.